



O MESTRE, O CURIOSO E O COMUNICADOR: UMA HISTÓRIA DE UM POR TODOS E TODOS POR UM NAS TRILHAS DA AGROECOLOGIA NA BAHIA

The master, the curious and the communicator: a history of one for all and all for one
on the Agroecology trails in Bahia

Nunes, F. O.^{1, 2, 8}; Ribeiro, A. S. L.^{1, 7, 9}; Lima, A. dos S.^{1, 2, 10}; Coelho, A. M. E.^{1, 11};
Santos, A. N. D'O.^{1, 2, 12}; Souza, B. S. C. de^{1, 2, 13}; Nunes, C. O.^{1, 14}; Souza, C. A. de^{1, 2, 15};
Silva, D. E. S. da^{1, 6, 16}; Freitas, E. S.^{1, 2, 17}; Jesus, E. S. de^{1, 2, 18}; Silva, F. C. C.^{1, 2, 19};
Santos, F. M. dos^{1, 5, 20}; Santiago, F. C.^{1, 2, 21}; Santos, T. M. dos^{1, 5, 22}; Souza, G. de F.^{1, 2, 23};
Santos, I. J. dos^{1, 2, 24}; Lima, J. B.^{1, 3, 25}; Santos, L. N. J. dos^{1, 2, 26}; Cerqueira, L. dos S.^{1, 2, 27};
Oliveira, M. C. de^{1, 4, 28}; Franco, M. G.^{1, 2, 29}; Cezário, M. M. de M.^{1, 30}; Castro, M. S. de^{1, 2, 31};
Oliveira, M. C. de^{1, 4, 32}; Santos, M. E. T.^{1, 2, 33}; Ribeiro-Neto, P. M.^{1, 34} e Sanchez, R. de S. O.^{1, 2, 35}.

RESUMO

Este trabalho coletivo contou a trajetória de luta, resistência e resiliência que os membros do Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) Trilhas, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, percorreram para conquistar o espaço do Núcleo, o que significa mais do que um "espaço geográfico" de passagem, mas, sobretudo, um espaço de vida de todos os que participam do Núcleo. Nele se dá a construção do que somos e queremos ser, e é por onde construímos o conhecimento em agroecologia baseado na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. É nele que ensinamos e aprendemos uns com os outros, como mestres de todos nós; em que pensamos e redesenhamos os agroecossistemas como experimentadores curiosos, bem como aprendemos a comunicar nossos achados, relacionando-os com os princípios da agroecologia, na labuta do dia a dia e ressignificando cada processo vivido. Essa experiência envolve a construção e a defesa da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), realizada de forma dialógica e humanizada. Contar sobre a conquista do Núcleo, como espaço pedagógico, de pesquisa, ensino e extensão, é contar, também, sobre fragmentos importantes na história da ATER na Bahia.

Palavras-chave: Ensino, Pesquisa, Extensão Rural, Construção Do Conhecimento Agroecológico.

ABSTRACT

This collective work counted on a trajectory of struggle, resistance and resilience that the members of the Studies in Agroecology Center of the State University of Feira de Santana (UEFS), Bahia, faced to conquer the space of the Center, which means more than a "geographic space" of passage; but above all, a living space of all of us who participate in the Center. In it we are the builders of what we are and we want to be and it is where we build the knowledge of agroecology, in its inseparable dimensions of teach, research and extension. The Center is where we teach and learn from each other, as masters of all of us; where we think and redesign the agroecosystems as curious experimenters and; where we learn to communicate our findings, relating them to the principles of agroecology, in the day-to-day toil and resignifying every process lived. This experience involves the construction and defense of Technical Assistance and Rural Extension (ATER), carried out in a dialogical and humanized way. To tell about the conquest of the Center, as a pedagogical space of research, teaching and extension, is also to tell about important fragments in the history of ATER in Bahia.

Keywords: Teaching, Research, Rural Extension, Construction Of Agroecological Knowledge.

¹ Núcleo de Estudos em Agroecologia (Nea Trilhas);

² Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis) – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS);

³ Comunidade Quatro Estradas, Amélia Rodrigues - Ba

⁴ Comunidade Quilombola da Pinguela, Amélia Rodrigues – BA;

⁵ Comunidade de Campos, Amélia Rodrigues – BA;

⁶ Comunidade Nova Esperança (grupo de mulheres), Valença – BA

⁷ Centro Tecnológico da Agropecuária da Bahia (CETAB/SEAGRI);

⁸ E-mail: nunesfo@gmail.com;

⁹ E-mail: alvanicelins@gmail.com;

¹⁰ E-mail: angela.tecnica@outlook.com;

¹¹ E-mail: angelmariac@hotmail.com;

¹² E-mail: asaphnatan.s@gmail.com;

¹³ E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

¹⁴ E-mail: milaon@gmail.com;

¹⁵ E-mail:

carlameidaagronomia@hotmail.com;

¹⁶ E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

¹⁷ E-mail: esilva_f@hotmail.com;

¹⁸ E-mail: erivaldo.agro07@gmail.com;

¹⁹ E-mail: flavio.irara@bol.com.br;

²⁰ E-mail: francicleysantiago@hotmail.com;

²¹ E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

²² E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

²³ E-mail: gleidiane@live.com;

²⁴ E-mail: islandiacfr@gmail.com;

²⁵ E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

²⁶ E-mail: leonelanaikaiane.10@gmail.com;

²⁷ E-mail: lucas.s.cerqueira@hotmail.com;

²⁸ E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

²⁹ E-mail: mailsonfranco@gmail.com;

³⁰ E-mail: margodemori@gmail.com;

³¹ E-mail: marinacastrouefs@gmail.com;

³² E-mail: centroagroecologia@uefs.com;

³³ E-mail: mthtrindade@yahoo.com.br;

³⁴ E-mail: pedromonteirosurf@gmail.com;

³⁵ E-mail: rodrigossanches@gmail.com

Recebido em:

15/08/2017

Aceito para publicação em:

25/06/2018

Correspondência para:

nunesfo@gmail.com

Narrativa histórica

O ano era 1984, quando duas jovens agrônomas, recém-formadas na Universidade de Brasília (UnB), foram contratadas pelo Governo do Estado da Bahia para implantar o Programa Estadual de Apicultura. Milhares de quilômetros foram trilhados no território baiano, apoiando a apicultura e conhecendo a diversidade de biomas do estado. Apesar de serem contratadas para incentivar a apicultura, o que realmente chamou atenção e despertou a curiosidade científica de uma das agrônomas, Marina Siqueira de Castro, foi a beleza e a diversidade das abelhas sem ferrão existentes. Surgem, então, e ao mesmo tempo na história, as imagens do(a) “curioso(a)” (pesquisador(a)) e do(a) “comunicador(a)” (extensionista). O “curioso” representa o ser humano (homem ou mulher), que realiza a pesquisa, seja ela qual for, científica ou popular; enquanto o “comunicador” é o(a) extensionista, que lida com a tarefa de comunicar e não difundir a pesquisa e/ou tecnologias.

O ser humano curioso que estava atuando na Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia (EPABA) buscava avidamente conhecer a riqueza e diversidade dos ecossistemas baianos, bem como a realidade dos agricultores e populações tradicionais que estavam inseridas nestes ambientes. O ser comunicador, agora encantado com as “abelhas mansas”, abelhas sem ferrão, passou a trabalhar para a proteção e criação das mesmas, tentando demonstrar a importância dessas abelhas para manutenção sadia dos serviços ambientais (polinização) e produção de um tipo de mel muito utilizado pelos agricultores e povos tradicionais na medicina popular, além de manter a tradição de criar as abelhas sem ferrão nos quintais das suas casas. Mais alguns milhares de quilômetros foram trilhados nesse imenso estado, estimulando, por meio de cursos de formação, palestras e vivências, a conservação e multiplicação das abelhas nativas sem ferrão.

Concomitantemente a este trabalho de pesquisa e extensão rural, surgiu a necessidade, por parte dessa jovem agrônoma, em se aprofundar na formação e na construção de conhecimento científico relacionado aos aspectos ecológicos das abelhas sem ferrão. Aquecendo a curiosidade cada vez mais e aprofundando-se no saber científico, o mestrado e o doutorado foram realizados, então aquela jovem agrônoma, agora mais experiente, firma-se como coordenadora do Laboratório de Abelhas (LABE) implantado em 1987, na EPABA. Em 1991, a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) foi formada, como fruto da fusão de duas empresas: a EPABA (onde estava localizado o LABE) e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATER-BA). A atuação de nossa protagonista continua, agora na EBDA, mas ainda no LABE (transferido da EPABA para a EBDA); iniciando o processo de orientação e formação de novos curiosos (pesquisadores) e novos comunicadores (extensionistas), estudantes universitários (estagiando na EBDA) e técnicos, que também se encantaram com o mundo fantástico das abelhas, dentre eles: Kátia Peres Gramacho, Bartira Maria Vieira de Jesus, Estenio Enrique Ribeiro de Oliveira, Cassia Moruz, Favízia Freitas de Oliveira, Carla Melo Oliveira, Verbenia Markley Lopes de Araújo, Leila Souza Santos, José Xavier de Jesus, Emilson Cerqueira, Lilian Santos Barreto, Alex Fabian Rabelo Teixeira e muitos outros. Desse processo emerge o ser “mestre” (professora), quando Marina passa, também, a integrar o quadro de professores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Intensificam-se, então, os estudos e trabalhos com as comunidades de agricultores familiares e povos tradicionais baianos, por meio da realização de projetos que articulavam ensino, pesquisa e extensão rural, buscando, desde então, a indissociabilidade na condução dos mesmos.

Os anos se passaram, novos conceitos, teorias e campos da ciência surgiram com veemência, dentre eles a agroecologia, que, na visão do grupo de mestres, curiosos e comunicadores que se formou, é uma ciência que integra diversas áreas do conhecimento para suportar agriculturas de base ecológica, respeitando e valorizando os conhecimentos populares e os aspectos socioambientais, culturais e econômicos envolvidos na atividade. Na UEFS nasceu o Núcleo Iraí de Desenvolvimento Sustentável (Núcleo Iraí), processo conduzido por um grupo de professores e estudantes interessados em trabalhar com a sustentabilidade socioambiental de sistemas de produção, principalmente relacionados a comunidades tradicionais, mais especificamente povos indígenas e quilombolas. O primeiro projeto, Gestão Etno-Ambiental Pankararé foi realizado em 2003 em conjunto com o povo

indígena Pankararé, localizado a 40 km de Paulo Afonso, na Bahia. No período entre 2003 e 2013 a UEFS e EBDA conduziram diversos projetos em temas como agroecologia, criação de animais silvestres, de abelhas sem ferrão e outros, junto aos Pankararé. Ao mesmo tempo, na EBDA, alguns técnicos extensionistas e pesquisadores, também, embarcaram nesta nova forma de enxergar a produção agrícola e começaram a construir e divulgar os conhecimentos e ideias agroecológicas por intermédio de projetos de assistência técnica e extensão rural (ATER), com a participação dos agricultores familiares e comunidades e povos tradicionais.

Em 2005, novos estudantes universitários da UEFS e de outras universidades baianas passaram a integrar o LABE – EBDA e o Núcleo Írai – UEFS. Dentre eles, Felipe Oliveira Nunes, Camila Oliveira Nunes, Amia Carina Spinel, Lilane Sampaio Rêgo, Josenito Sampaio, Alvanice Lins Ribeiro, Marília Melo, Edilene Melo, Bruno Kuln, estudantes universitários e técnicos ávidos por conhecer e trabalhar com as abelhas sem ferrão, com as comunidades e povos tradicionais, bem como com agricultores familiares. Projetos de pesquisa e extensão rural foram construídos e executados em algumas regiões baianas, como no Raso da Catarina (Território Indígena Pankararé), baixo-sul (Comunidades Quilombolas de Jatimane, Boitaraca e Rio do Campo), Chapada Diamantina (Comunidades Quilombolas e de Agricultores familiares em Boninal e em Palmeiras), região de Irecê (Comunidade de agricultores familiares da Descoberta dos Pirocas), litoral norte (Comunidades tradicionais litorâneas e de criadores de abelhas sem ferrão, principalmente no entorno de Arembepe, Camaçari, Bahia), entre outras.

Em 2007 foi criada na EBDA a Coordenação de Pesquisa, onde Marina assumiu como coordenadora e passou a executar, juntamente com a equipe formada pelo LABE, Núcleo Írai e outros técnicos da empresa, projetos de pesquisa e extensão rural. Em 2010, iniciou-se um grande programa de ATER, conduzido pela EBDA, incluindo 10 projetos, em nove territórios da cidadania (BRASIL, 2008; EBDA, 2012) da Bahia. Estes projetos integraram o Programa Pacto Federativo, que contava com bolsistas FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia), além de técnicos da EBDA. Esses projetos tinham como base metodológica a pesquisa-ação e como objetivo fortalecer as comunidades e povos tradicionais, indígenas, quilombolas e de agricultores familiares assistidos pela EBDA, bem como conservar os recursos naturais e valorizar os aspectos socioculturais a eles relacionados.

Neste ponto, passaram a integrar a equipe vários técnicos da EBDA de modo mais efetivo: Djair Brandão Maracajá, Renata Fornellos, Margarida Maria De Mori Cezário e Ângela Maria Emerenciano Coelho. Essas últimas, eram extensionistas da EBDA que, posteriormente, dariam uma grande contribuição na formação do Núcleo de Estudos em Agroecologia (Nea Trilhas).

Então, a quantidade de “mestres, curiosos e comunicadores” alinhados na condução de trabalhos de ensino, pesquisa e extensão aumentou significativamente, e se fortaleceu a partir deste processo.

Os que antes atuavam como estudantes universitários, se formaram. Alguns, já como profissionais, passaram a integrar o corpo técnico da EBDA. Os trabalhos seguiram em ritmo frenético e as pessoas se organizaram em grupos de estudos, tais como: agroecologia, etnodesenvolvimento, meliponicultura e formação.

Em 2012, foi criado, na UEFS, o curso de agronomia com ênfase em agricultura familiar e agroecologia. Nesse mesmo ano foi firmado um convênio entre a UEFS e a EBDA, visando a utilização da Estação Experimental Rio Seco da EBDA (EERS-EBDA), localizada no município de Amélia Rodrigues e distante, cerca de 30 Km, da Universidade, como unidade prática para o curso de Agronomia. Dessa forma, algumas disciplinas e trabalhos de pesquisa e extensão começaram a ser realizados na EERS e nas comunidades de agricultores familiares do entorno da Estação.

Os grupos de estudos formados na EBDA se fortaleceram coletivamente, além disso, as ideias agroecológicas e compromissos, como o fortalecimento da agricultura familiar e de uma ATER realizada de forma dialógica, contextualizada e humanizada, encontraram campo de atuação junto ao curso de agronomia da UEFS.

No final de 2013, mediante o lançamento do edital do CNPq 081/2013, o projeto de implantação do NEA foi construído e submetido já pensando na consolidação do grupo formado. Em dezembro desse mesmo ano, ocorreu a aprovação da proposta, tendo a UEFS como instituição executora e a EBDA como instituição de ATER parceira; a coordenação foi assumida pela Prof^a. Marina Siqueira de Castro.

Esse projeto agrupou as pessoas em torno de um ideal comum e, assim, nasceu o Núcleo de Estudos em Agroecologia Nea Trilhas; da integração/fusão dos grupos de estudos da EBDA e do Núcleo Iraí da UEFS que há muito já trabalhavam juntos. O Nea Trilhas se formou como fruto das relações interinstitucionais baseadas na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, as disputas políticas no âmbito da extensão e pesquisa relacionadas à agricultura familiar, entre as organizações não governamentais e as organizações oficiais de extensão/pesquisa, essas, em sua maioria, com concepções de uma extensão rural difusionista, culminaram no enfraquecimento da EBDA, após um longo período de, pelo menos, 90 dias de greve (de abril a julho de 2014). Em meio a esse cenário de disputa encontrava-se o Nea Trilhas, com a missão de lidar com sua implantação e consolidação, assim como continuar com a relação entre as duas Instituições que dariam todo o alicerce ao projeto: a UEFS e a EBDA. Essa última, como Empresa de extensão rural, uma exigência do Edital. Tal cenário dificultou o início dos trabalhos, reforçado pelo atraso na liberação do recurso previsto no edital. Mesmo com a EBDA paralisada pela greve e sem os recursos previstos na proposta, a equipe começou a ser reforçada e a proposta foi retornando com a chegada de estudantes, técnicos, professores e colaboradores. O Núcleo deveria integrar os estudantes do curso de Agronomia que tivessem perfil voltado para o trabalho com a agricultura familiar e que quisessem construir uma trilha na agroecologia. A participação no projeto era uma trilha a percorrer para os estudantes Eivaldo Santiago, Francicley Santiago, Islandia Santos, Leonela Nakaiane, Carla Almeida, Gleidane Freitas de Souza, Kedma Oliveira, Edivan Queiroz, Lucas Cerqueira, Maicon Carvalho e Eder Freitas. Somaram-se ao Núcleo o professor da UEFS Gerino Francisco Nascimento e os técnicos Flavio Silva e Jonatas Araújo. Também integrou o grupo do Nea Trilhas, uma equipe da EBDA, composta pela pedagoga Andiana Passos, as agrônomas Maria Zélia Alencar de Oliveira e Renata Fornelos Ramos, os biólogos Matheus Trindade, Camila Oliveira Nunes, Mariana Pinto, Luana Guedes, Lilane Sampaio Rêgo, Amia Carine Spineli, Synara Leal Mattos; Priscila Nogueira e Malafaia, Marília Melo, Edilene Melo; as extensionistas Margarida de Mori Cezario, Ângela Coelho e o extensionista Djair Maracajá; além dos colaboradores, como o meliponicultor Edenilson da Silva - o Damasceno e as(os) técnicas(os) Alvanice Lins, Marcela Leal, Helane Aragão Bonfim, Carlos Barbosa e Pedro Monteiro.

Em julho de 2014, foi realizada a primeira reunião geral de planejamento do Núcleo, na qual se definiu que os primeiros passos seriam revitalizar e integrar algumas unidades experimentais já existentes na EERS e promover a transição agroecológica do espaço, ficando evidente a sua importância como sede do Núcleo. Então, os estudantes começaram a “pegar na enxada”, trabalhar nas unidades e cuidar do espaço, com a colaboração dos demais participantes do Nea Trilhas. Nesse momento, aconteceram, também, atividades de formação, como cursos, oficinas, palestras e foram iniciados os trabalhos de pesquisa e extensão em comunidades rurais do entorno (Campos I e II, Quatro Estradas, Tanque Sensala, Pinguela, Saionara e Rio Seco) e na Estação (Figuras 1 e 2). No espaço da EERS a ideia era buscar o redesenho do agroecossistema, integrando ações que contribuíssem para a melhoria no uso do solo e água, bem como integrassem as unidades demonstrativas existentes, além de romper com a ideia de uma Estação Experimental que produzisse tecnologias a serem difundidas aos agricultores. Para isso, foram executados o DRP (diagnóstico rural participativo) com as comunidades e abordados temas integradores e que refletissem a realidade das comunidades locais, tais como conflitos por terra vividos pela comunidade quilombola da Pinguela, conflitos com atravessadores vividos pela comunidade Tanque Sensala, uso intensivo de agrotóxicos e saúde dos agricultores, práticas agroecológicas e outros temas associados.



Figura 1. A – equipe inicial do Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) Trilhas; B – reconstrução da horta em mandala; C – oficina de produção de mudas para agricultores, técnicos e estudantes dada pelo agricultor Eduardo; D – aula ministrada pela Profª. Marina Castro para estudantes de agronomia da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana). Fonte: Acervo Nea Trilhas – 2014/2015.



Figura 2. A – Levantamento de pragas e doenças em propriedades de agricultores no entorno do Centro de Agroecologia Rio Seco (CEARIS); B – Aplicação de questionário para o diagnóstico rural em propriedades de agricultores; C – participação do Nea Trilhas na Feira do Aipim do município de Amélia Rodrigues/BA; D – preparação de “muvuca” de sementes de leguminosas envolvendo estudantes, técnicos e agricultores para realização de adubação verde em uma área do CEARIS. Fonte: Acervo Nea Trilhas, 2014 a 2017.

Em dezembro de 2014 o grupo foi surpreendido com a notícia de que uma votação na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia dava início à extinção da EBDA, principal parceira do projeto, a qual fornecia toda estrutura para realizar um bom trabalho junto aos agricultores. Mais um desafio imposto ao grupo! Desse contexto surgiram muitas dúvidas acerca do futuro do Núcleo e da EERS, tais como: E agora, o que vamos fazer? Como e com quem vai ficar a Estação? Como vai se executar o projeto sem o nosso espaço? E os agricultores envolvidos como ficarão?

Tudo que foi planejado precisou ser repensado e todas as forças foram canalizadas para que os mestres, curiosos e comunicadores pudessem continuar trilhando os caminhos da agroecologia no seu espaço, na sua terra e com os agricultores. Enfim, uma batalha foi iniciada com o objetivo da “conquista do espaço” e permanência do Nea Trilhas.

Eis que a Prof^a. Marina, já acostumada com as crises e as lutas recorrentes, chegou com uma ideia: “Vamos transformar a estação num centro de agroecologia? Olha como seria bacana! Um espaço onde a gente possa fazer pesquisa inserindo os agricultores no processo, com autonomia para colocar em prática os princípios agroecológicos. O que vocês acham dessa ideia?”

Em meio à crise, a ideia pareceu bastante ambiciosa, porém muito interessante e exequível, existia um convênio formal desde 2012 para uso, pela UEFS, da Estação para o curso de agronomia, portanto nos parecia justo que a UEFS passasse a usar a Estação de forma permanente. Seria, assim, a realização de um sonho, pois se configuraria como um espaço para as aulas práticas do curso de agronomia e, ao mesmo tempo, um centro de agroecologia, onde os agricultores estariam inseridos no processo junto com os estudantes, professores e técnicos. Dessa forma, o Nea Trilhas poderia continuar os estudos em agroecologia, trilhando os caminhos da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Contudo, a UEFS não era a única interessada nessa “mina de ouro” e a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) também entrou na disputa pelo referido espaço.

Teve início, então, um processo de articulação dos membros da equipe, que começaram a mobilizar os agricultores, estudantes e professores para que, os mesmos, apoiassem a cessão da Estação para a UEFS e, dessa forma, houvesse a continuidade dos trabalhos do Nea e da construção do conhecimento agroecológico. Nesse processo, como disse Islandia (estudante de agronomia membro do Nea Trilhas), “Conhecemos o significado de algumas palavras na prática: Resistência, Resiliência e Articulação”.

A luta foi se intensificando e, para a surpresa de todos nós, já havia pronto um projeto da UFRB para a ocupação do espaço, detalhando como seus cursos seriam alojados, assim como solicitando que a UEFS e, conseqüentemente, o Núcleo se inserissem nesse projeto, sem muita participação e liberdade de escolha. Foram realizadas algumas reuniões intensas na UEFS buscando um acordo entre todos, mas os interesses da UFRB iam além de um espaço compartilhado, na verdade, queriam um novo câmpus e contavam com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado da Bahia (SDR) e até de membros da própria UEFS. Tentaram de todas as formas que a proposta fosse aceita, no entanto o compartilhamento da Estação se mostrava impossível diante de várias diferenças de concepção, de perspectivas e de ocupação espacial, apesar de reconhecermos que os projetos da UFRB também eram voltados para o fortalecimento das comunidades do campo. Entretanto, o Nea Trilhas estava no espaço por um tempo com um trabalho em construção que envolvia a comunidade de agricultores, estudantes e professores, em uma construção conjunta, e o grupo da UFRB tinha outras possibilidades de espaço.

Foi, então, que todos os problemas e preocupações desse possível acordo foram levados à reitoria da UEFS, destacando a importância da EERS e do Nea Trilhas para o curso de Agronomia, que possui ênfase em agricultura familiar e agroecologia, bem como, principalmente, para os agricultores e estudantes envolvidos nas ações do Núcleo. Diante de tamanho problema, os estudantes começaram a se articular, pressionando as partes envolvidas da universidade, buscando reuniões e conversas com membros da reitoria. Os agricultores também estavam na luta e elaboraram abaixo-assinados em seu apoio, demonstrando que a mesma era coletiva e evidenciando a legitimidade do trabalho realizado.

Nesse período, a UEFS entrou em greve e, durante os 86 dias sem atividades, os estudantes passaram a ocupar a Estação. A frase mais ouvida nesse momento era “greve não significa férias” e, assim, o trabalho não parou. Entre reuniões, cursos e oficinas oferecidos, atividades no campo e nas comunidades, o Nea foi seguindo suas trilhas e se fortalecendo durante o processo.

Após muita articulação e devido à dedicação da Prof^a Marina na EBDA, a liquidante da empresa na ocasião concordou em ceder a EERS para a UEFS. Tal concretização se deu, de fato, em fevereiro de 2016, com a assinatura do termo de cessão pelo Reitor da UEFS, ocasião na qual foi firmado um termo de cooperação técnica com a prefeitura de Amélia Rodrigues, município onde a Estação está situada. Porém, mais uma etapa precisava ser vencida, pois era preciso garantir a permanência dos recursos oferecidos pela EBDA, como equipamentos agrícolas e de informática, veículos, materiais de consumo, e outros.

A luta pelo espaço, que durou cerca de um ano, chegou ao fim, as flores da difícil trilha voltaram a florir e, em março de 2016, foi criado o tão sonhado Centro de Agroecologia Rio Seco (CEARIS), em substituição à EERS. Para todos os envolvidos no processo, aquele espaço era, por direito, do Núcleo, sob a coordenação da Professora Marina Siqueira de Castro. Surgiu um sentimento de pertencimento único por meio do aprendizado e da inserção em novas ações; emergiram e se consolidaram sentimentos no cotidiano dos “guerreiros Nea Trilhas”, como articulação, estratégia, resistência, coragem e resiliência.

Apesar da certeza com relação ao espaço, outras dificuldades voltavam a beirar o Núcleo, pois em julho de 2015 chegava ao fim o prazo de execução do projeto. Foi elaborado, então, um relatório das atividades realizadas para o CNPq e foi solicitado um aditamento de prazo. Tal solicitação foi concedida e permitiu que o projeto fosse conduzido até dezembro de 2015.

A partir de 2015 foi preciso reorganizar as atividades do CEARIS, pois o Núcleo perdia parte do seu corpo de participantes, com a extinção da EBDA. Muitos membros, por fazerem parte da EBDA, foram demitidos e saíram. Além disso, as bolsas de vários estudantes haviam acabado e muitos, também, deixaram a equipe. Aqueles que criaram um vínculo maior com o Núcleo, com a agroecologia e que tinham possibilidade de dar continuidade ao trabalho permaneceram nesse intenso processo.

Com o passar do tempo chegaram novas pessoas para compor a equipe e foi nesse período de dificuldades trazidas pelo fim do financiamento do CNPq ao projeto de implantação do Núcleo, que o Nea Trilhas conseguiu desenvolver mais atividades. As trilhas agora começaram a apontar novas estratégias e caminhos para serem percorridos, novas parcerias foram firmadas, novas comunidades rurais começaram a se envolver, mais disciplinas passaram a ser ministradas no CEARIS e alguns grupos de agricultores familiares começaram a realizar atividades agrícolas com base nos princípios agroecológicos no espaço conquistado. Enfim, os agricultores puderam, em um processo rico de troca de saberes, vivenciar, de maneira mais intensa, a transição Agroecológica junto aos outros membros do Núcleo que também estavam preocupados com o redesenho do agroecossistema, que envolveu as propriedades dos agricultores e o espaço do Nea Trilhas no CEARIS.

Uma nova forma de gestão do espaço público teria que ser encontrada para inverter a lógica de funcionamento da antiga EERS, pois não se pretendia mais produzir tecnologias e levá-las aos agricultores, mas sim, produzir novas tecnologias, formas de produção e conhecimento agroecológico com estes agricultores, a partir de intensa relação dialógica entre os conhecimentos científico, popular e tradicional. Portanto, novas trilhas em que o “mestre, o curioso e o comunicador” teriam que se unir mais do que nunca para continuar seguindo em frente na luta pela agricultura familiar, pela terra e pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais, como pode ser observado no depoimento de Mailane:

“Sou da Comunidade Quilombola da Pinguela desde dia que nasci (sic), minha comunidade vem de uma resistência contra a Usina Aliança, que há alguns anos atrás (sic), tentou tomar nossas terras, chegaram a colocar uma cerca no fundo das nossas casas, mas os moradores se reuniram e a retirou (sic), e desde então começamos a correr atrás de nossos direitos e fomos conhecendo pessoas que nos ajudaram. E foi nesse tempo que conhecemos o NEA Trilhas, que começou visitando nossa comunidade, oferecendo ajuda com pesquisas, sementes, mudas e cursos e veio também com novas ideias de coisas que podemos fazer na comunidade, por exemplo, trabalho

com os jovens, resgate da cultura da nossa comunidade através do Samba da Pinguela e as tradições dos nossos descendentes”.

Alguns membros do Nea Trilhas começaram a participar de encontros de agroecologia, caravanas agroecológicas, intercâmbios de experiências, seminários e oficinas de formação, promovidos pela Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA), em parceria com diversas outras instituições, grupos de agricultores e representações de movimentos sociais. Nesses eventos, aconteceram oficinas sobre a sistematização, a partir do Projeto de Sistematização das Experiências de NEAs, realizado em parceria com a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), o que aguçou a curiosidade do Núcleo sobre esse assunto.

Em agosto de 2016, na ocasião da realização do Seminário Regional de Sistematização de Experiências (Figura 3), promovido pelo Projeto de Sistematização da ABA, em parceria com a RENDA, foi apresentada a proposta de sistematização das experiências dos NEAs. Do Nordeste seriam escolhidos quatro NEAs para ter suas experiências sistematizadas coletivamente. Diante da possibilidade de realizar um processo crítico-reflexivo sobre nossa experiência, objetivando compreender as nuances dos caminhos trilhados e apontar lições para planejar os novos passos dessa caminhada, Felipe e Marina resolveram indicar nosso Núcleo um candidato a trilhar este novo processo. Aceito como um dos quatro NEAs, o Trilhas embarcou nesta jornada.

Foram realizadas algumas reuniões e oficinas internas, com o objetivo de nos prepararmos para a oficina de sistematização da nossa experiência, que seria realizada no espaço do CEARIS, com a participação da equipe da ABA. Nestas reuniões e oficinas foi repassado a todos os atuais membros do Núcleo o que seria e como aconteceria este processo, bem como aprofundamos a teoria e métodos utilizados no mesmo. Diante deste novo aprendizado e baseado na Matriz de Sistematização, foi decidido, então, qual seria o eixo e o título do trabalho.

A escolha do eixo “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” acabou ficando óbvia para o grupo, haja vista a forma de condução das ações realizadas pelo NEA Trilhas e a importância desta indissociabilidade na construção do conhecimento agroecológico.



Figura 3. A – participação do Nea Trilhas no Seminário Regional de Sistematização de Experiências promovido pela RENDA; B – imagem dos participantes da Oficina de Sistematização de Experiências do Nea Trilhas promovida pela ABA.

Em maio de 2017, foi realizada, no CEARIS, a oficina de sistematização de experiências (Figura 3), evento que fez parte do processo de acompanhamento da sistematização pela ABA e que contou com a presença de estudantes, técnicos, pesquisadores e agricultores pertencentes ao Núcleo, bem como uma equipe da ABA e membros da RENDA e de outros Neas. No dizer de Francicley, estudante, membro Nea Trilhas:

“A participação na oficina foi um aprendizado sobre construção coletiva, desde o primeiro momento, através de dinâmicas e diálogos que fizeram todos ali presentes avaliarem a história do Nea Trilhas dentro de sua própria história e o processo vivenciado até ali, visando percorrer um caminho ainda mais longo no futuro. Ao mesmo tempo, me dei conta que, também, é um

processo individual quando cada um opina, relata suas visões e percepções de tudo que já aconteceu. É como o trabalho de uma costureira, onde ela irá cortar, costurar, arrematar as últimas linhas em um tecido, no entanto, precisa do molde individual de cada um para que, ao final, a peça resulte em algo bonito e adequado aos que irão vestir”.

Já para Asaph, outro estudante também membro Nea Trilhas:

“O sentimento que consigo tirar de tudo que vivi durante a oficina e o processo de sistematização é gratidão e muita vontade de continuar caminhando com esse Núcleo, querendo cada vez realizar coisas boas para quem realmente nos faz querer continuar nessa caminhada com a agroecologia... o povo!”.

Por fim, os mestres, curiosos e comunicadores do Nea Trilhas (agricultores, técnicos, estudantes, pesquisadores e extensionistas, homens e mulheres; jovens e mais velhos), juntos como um só ser, mirando-se no espelho do passado, analisando e refletindo sobre as ações presentes, aproximando cada dia mais a teoria da prática, buscam seguir pelas trilhas da agroecologia, na resistência e na luta pelo direito à terra e à cultura dos agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais, bem como o direito de cada ser humano em se alimentar sem se envenenar e sem envenenar o meio ambiente. O Nea Trilhas ainda tem uma história a ser construída, baseada nos alicerces de seu passado recente de luta, resistência e resiliência.

Caminhos metodológicos

Muitos caminhos foram percorridos para chegarmos até o momento atual. Vivenciar o processo de sistematização da nossa experiência no Núcleo, mediante uma metodologia estabelecida, e conseguir passar a experiência para o papel foi um grande aprendizado sobre o verdadeiro significado da sistematização das nossas experiências vividas. O processo foi difícil, mas as trilhas percorridas foram muito prazerosas. Amizades, aprendizados, sofrimentos pela pressão do tempo. Essa é a primeira sistematização da nossa experiência como Núcleo de Estudos em Agroecologia Nea Trilhas. Percorrendo estes caminhos metodológicos descobrimos que nossas trilhas eram acompanhadas por mãos firmes, de pessoas conhecedoras do assunto e ousadas, que passaram segurança para os que chegavam a ponto dos novos continuarem ousando. E aqui chegamos! No Seminário RENDA, realizado em Recife, com Alzira Medeiros e todos os participantes, os membros do Nea Trilhas Marina e Margarida entenderam o verdadeiro sentido da Sistematização de Experiências.

Foi no IV Encontro de Agroecologia do Agreste Meridional de Pernambuco, realizado em Garanhuns, que dois membros do Nea Trilhas, Felipe e Erivaldo, participaram da oficina intitulada “Metodologia participativa: sistematização de experiências dos NEAs”. Nesse evento foi esclarecido do que se tratava a sistematização de experiências, como fazer para selecionar o eixo de reflexão do processo de sistematização, bem como foi destacada a importância da participação dos sujeitos da experiência, visando a construção de uma sistematização que fosse plural e justa com todos. Foi nesse momento que os membros do Núcleo conseguiram compreender a importância da sistematização e quanto seria importante realizá-la no Nea Trilhas.

No Seminário de Sistematização realizado em Olinda, PE pela ABA e RENDA que dois membros do Nea Trilhas Felipe e Marina ousaram em propor a sistematização do Nea Trilhas quando da definição dos Neas do Nordeste a serem sistematizados.

Objetivando repassar os aprendizados sobre sistematização aos outros membros do Nea Trilhas e envolve-los no processo que foi feita a Oficina de Repasse dos eventos de sistematização no CEARIS. O filme “os narradores de Javé”, foi assistido e textos e informações repassadas. Também no CEARIS, reunimos os membros do Nea Trilhas para a preparação da oficina de sistematização que seria conduzida por membros da ABA. Nessa reunião definimos o eixo e tema da sistematização do Nea Trilhas, também discutimos sobre os preparativos e organização da oficina de sistematização com a ABA, que foi no Centro e durou três dias. Finalmente, a tão esperada oficina aconteceu e foi com muita alegria e amor que todos participaram. Foi muito bom para os agricultores e estudantes ver o vídeo

produzido pela “Mídia Crioula” com a inclusão da fala deles, o trabalho foi intenso mas valeu a pena e para diversão e alegria de todos, sambar ao som do samba de raízes do grupo de quilombolas da Pinguela só nos aproximou e nos animou, nos dando coragem para a escrita coletiva sobre o tema indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Figura 4).



Figura 4. Facilitação gráfica produzida na Oficina de Sistematização de Experiências do Nea Trilhas em maio de 2016. Fonte: Muriel Duarte (ABA).

Os membros da ABA, RENDA e de outros Neas se foram após a oficina e nós, membros do Nea Trilhas, ficamos com a vontade e animação construídas naquela oficina. Mas tivemos pouco tempo, muita pressão e angústias trazidas pelos tempos atuais. Trilhamos os caminhos da esperança e nos reunimos algumas vezes para a escrita coletiva e produção de relatos individuais. Chegamos até aqui e continuaremos a trilhar os caminhos da sistematização das experiências vividas no Nea Trilhas. Esta é nossa primeira e esperamos viver e contar outras experiências do Nea Trilhas.

Reflexões:

O pegar na enxada

“Em 2013 soubemos que faríamos parte de um projeto, o Núcleo de Estudos em Agroecologia, o Nea Trilhas. Apesar de ter lido as mais de 80 páginas do projeto escrito, o que nós, estudantes, faríamos no projeto ainda não estava claro; é difícil, a princípio, se enxergar dentro de algo aparentemente maior. Logo, nos alocamos na EERS, que se encontrava, aparentemente, abandonada e, como primeira missão, recebemos o dever de começar a revitalização de algumas unidades experimentais demonstrativas (UEDs). Revitalizar: essa era a palavra usada para designar os trabalhos que faríamos, que incluía capinar, roçar, podar, e outras. Como dizem, pegar na enxada, literalmente. Para alguns estudantes de origem rural isso era tranquilo, porque sempre fizeram isso e entendiam a necessidade dessas tarefas. Porém, para outros estudantes, aquilo era péssimo, pois esperavam fazer outras coisas no projeto, até mesmo se perguntavam, qual a utilidade daquelas tarefas para o projeto. O tempo foi passando e surgiram novos tempos, extinção da EBDA, necessidade da conquista daquele espaço. Daí, vimos que o trabalho que fazíamos mostrava aos que vinham de fora o que aquele grupo pretendia fazer e já estava fazendo, ocupando aquele espaço. As várias vezes em que fizemos a manutenção no viveiro de mudas, limpamos, plantamos e colhemos, mostraram que o Nea Trilhas era um grupo sério e, de fato, queríamos aquele espaço para todos. Além disso, para alguns estudantes de Agronomia, foi

bom sentir-se como agricultores, pois só na prática do dia a dia podemos sentir a importância dos agricultores e do que eles precisam de fato. Depois de um tempo foi possível fazer essa reflexão, já que a universidade está longe do agricultor, foi preciso pegar na enxada para se ter uma ideia de como construir o conhecimento agroecológico com os agricultores” (Islândia Jesus, estudante membro Nea Trilhas).

A conquista do CEARIS e o processo de transição agroecológica

Freire e Guimarães (2001) relatam a importância da reflexão como um instrumento dinamizador entre teoria e prática. Tarefa essencial na formação dos estudantes de agronomia (e áreas afins) e agentes de ATER em suas atuações como extensionistas na promoção da transição agroecológica junto aos agricultores e agricultoras familiares. Essa formação deve ser pautada em uma práxis pedagógica, a qual requer elaboração coletiva, num grupo, das práticas vividas no cotidiano, sendo um coletivo articulado, nunca massificado ou aglutinado (IMBERT, 2003).

Com base nisso, o Nea Trilhas propõe construção coletiva sobre agroecologia e a transição agroecológica sob uma perspectiva crítico-reflexiva, em que saberes populares e práticos são valorizados.

A luta pela conquista da antiga EERS - EBDA, com a cessão para a UEFS e consequente criação do CEARIS, gerou uma série de novas possibilidades e novos horizontes para os membros do Núcleo. Agora, com a devida autonomia para trilhar outros caminhos, o Nea Trilhas inicia um processo de inversão da lógica de funcionamento da antiga estação experimental. No modelo convencional, a estação experimental produzia tecnologias e as difundia para os agricultores por meio de eventos de formação e visitas técnicas; já na transição para um Centro, o CEARIS, a lógica foi invertida, os agricultores passaram a ser sujeitos do processo de construção do conhecimento agroecológico, experimentando, dentro do espaço conquistado, em parceria com os técnicos, estudantes e pesquisadores, novas formas de cultivo, novas práticas e trazendo consigo o saber de toda uma vida dedicada à lida com a terra. Esse diálogo entre os saberes científicos e os saberes tradicionais torna possível a realização de uma agricultura rica, justa, saudável e adequada à realidade dos agricultores familiares, bem como povos e comunidades tradicionais. O próprio Centro passa pela transição agroecológica e o redesenho do agroecossistema é parte disto.

A sistematização de experiências e a construção do conhecimento agroecológico

Segundo Dubeux e Medeiros (2015, p. 29),

“o processo de construção do conhecimento em agroecologia é uma construção social crítica à coisificação da natureza e à desqualificação dos saberes locais. Ou seja, é uma construção contra-hegemônica. Para construir conhecimento, o diálogo dos saberes é imprescindível, assim como a valorização da experiência humana em seu cotidiano de vivências. Tais pressupostos são fundantes na educação agroecológica e, por conseguinte, o saber que daí emana, a epistemologia que daí se expressa e constrói”.

Falkembach (2000, p. 17) destaca que:

“o recuperar refletindo, o descrever relacionando, o perguntar centrado num foco que demarca o que mais se quer conhecer, o argumentar com outros, ouvir suas razões, contrapô-las com as próprias, o discutir para melhor entender, leva-nos a uma vinculação diferenciada com as nossas práticas e também com o mundo. Instala-se em nós, mulheres e homens envolvidos com a sistematização de suas experiências, um processo perpassado por uma curiosidade interessada e pela inquietação do pensamento compartilhado. Um processo que tem a capacidade de fazer nossa visão penetrável também a não aparência da coisa; capaz de levar-nos aos avessos das nossas práticas; à busca de compreender os seus porquês e refletir sobre as consequências que poderão engendrar”.

Na sistematização de experiências, partimos de uma reconstrução do que se sucedeu e um ordenamento dos distintos elementos objetivos e subjetivos que vêm intervindo no processo, para compreendê-lo, interpretá-lo e, assim, aprender com nossas próprias experiências (JARA, 2004). Esse autor ainda destaca que, nesse sentido, sistematizamos nossas experiências para aprender criticamente com elas e, assim, poder: melhorar nossa própria prática; compartilhar nossas aprendizagens com outras experiências similares; e contribuir no enriquecimento da teoria.

Percebe-se, então, que a sistematização de experiências é um processo contínuo de reflexão, análise, ressignificação, ajuste na conduta das ações, avaliação e retroalimentação, formando um fluxo contínuo na troca de saberes. Esse processo gera a construção de um conhecimento agroecológico vivo, rico, justo e sempre pulsante, muito mais próximo da realidade dos sujeitos envolvidos, sejam eles agricultores, estudantes, pesquisadores, técnicos ou extensionistas, portanto, torna-se um conhecimento mais democrático e verdadeiro, já que parte da construção é coletiva.

Lições aprendidas

O processo de criação do Nea Trilhas possibilitou a construção de uma identidade coletiva de resistência e do fazer junto. Isso refletiu de maneira significativa nas práticas e vivências acadêmicas conduzidas junto com os agricultores. Algumas experiências dos agricultores no espaço conquistado foram possíveis e animadoras. O CSA (Consumidor que Sustenta Agricultor) Abacateiro foi uma experiência valiosa para o CEARIS em que três jovens agricultores (Patrick, Junior e Rodrigo) iniciaram um sistema agroflorestal (sintrópico), no qual, por oito meses, conseguiram sustentar 20 famílias em Salvador, com entregas semanais e foram sustentados por estes consumidores. Foi uma experiência enriquecedora.

Outra experiência foi o plantio coletivo de aipim, feito pelos membros da Associação de Agricultores de Campos (comunidade parceira pelo Nea Trilhas), em que testaram algumas práticas agroecológicas que aumentaram a produção da raiz e deixaram os agricultores confiantes. Essa ação animou o agricultor Francisco a planejar o próximo plantio de milho consociado ao CEARIS. A produção de mudas no CEARIS, sem uso de agrotóxicos para controlar as formigas é uma luta e aprendizado diário para o agricultor e ex-funcionário da EBDA, Batista e sua esposa Lúcia. A feira da agricultura familiar e dos produtos saudáveis dos agricultores é, atualmente, o projeto coletivo que vem animando os agricultores, estudantes, técnicos, professores e pesquisadores. Ela está pensada para ser realizada no CEARIS, a partir do segundo semestre de 2018, vem se constituindo em novo espaço de convergência das ações e é um desejo dos agricultores locais. Os agricultores Francisco e Orlando da comunidade de Campos lideram esse desejo coletivo.

Foram tantas as lições vivenciadas nessa caminhada, que nada mais verdadeiro do que o relato dos sujeitos que viveram a experiência para expressar tal aprendizagem. Conforme Ângela Coelho, extensionista membro Nea Trilhas: “Precisamos repensar o entendimento de que a natureza não só produz alimentos e fornece outros recursos, mas também é fonte de vida e, portanto, temos que rever nossos conceitos e modo de viver e procurar conviver com harmonia”.

Destacamos também os relatos de outros integrantes do Nea Trilhas:

“O estudante que sai de uma realidade de luta e trabalho, encontra na Universidade uma barreira para criar uma interlocução entre sua realidade e as paredes da academia. O Núcleo de Estudos em Agroecologia se apresenta então, após toda luta pelo espaço, como um espaço de luta social e ideológico para os estudantes de Agronomia” (Angela Lima, estudante membro Nea Trilhas).

“Os desafios ainda são grandes e todas as reconfigurações vêm acompanhadas de perdas e danos, mas também, de muitas oportunidades. Da necessidade de repensar, reavaliar e de buscar novos caminhos e parceiros, sem esquecer das lições aprendidas na trilha percorrida e dos sonhos ofuscados por tantas batalhas” (Camila Nunes, Pesquisadora Membro Nea Trilhas).

“Em todo esse processo de luta e conquista pode-se perceber que a união faz toda a diferença, e, assim, o Nea Trilhas tornou-se uma família para mim, onde hoje, mesmo afastado, acredito em cada um dos seus membros e em todas suas ações. Segue uma frase, de Ernesto Che Guevara, que me lembra muito o período de luta e resistência ao qual passamos, onde tudo parecia dar errado, onde sempre estávamos por um fio de perder tudo e não desistimos ‘Derrota após derrota, até a vitória final’” (Matheus Trindade, Pesquisador Membro Nea Trilhas).

“A participação neste grupo e trabalhar com Marina foi muito interessante, pois ficou muito claro a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na agroecologia e a importância da interdisciplinaridade para obter melhores resultados. A partir daí ocorreram mudanças na minha forma de pensar e desenvolver as atividades, especialmente as de pesquisa, pois passei a executar os projetos envolvendo não somente os pesquisadores, como também, interagindo com os agricultores, povos e comunidades tradicionais, agentes de ATER, estudantes e outros atores envolvidos, buscando dialogar e compreender o meio sociocultural. Além de participar de debates sobre agricultura sustentável e produzir pesquisa de relevância para os produtores e a sociedade” (Alvanice Lins, Pesquisadora membro Nea Trilhas).

“Hoje olhando o que o Nea Trilhas se tornou, os amigos que fiz em todo o processo, o aprendizado que pude ter com cada comunidade visitada, poder vivenciar a realidade de cada um, ver a forma que a coordenadora do projeto lutou ao nosso lado para conseguir manter o Nea Trilhas caminhando, agradeço pela oportunidade de ter estado ao lado de todos que contribuíram com um pedacinho de si para fazer o Nea Trilhas se tornar realidade, só tenho a dizer que a nossa luta não acabou, queremos sempre estar presentes na vida e no coração de todos” (Pedro Ribeiro, colaborador membro Nea Trilhas).

“A oficina de sistematização trouxe para o Núcleo uma oportunidade única de podermos olhar para trás e buscar os fortalecimentos de continuarmos seguindo em frente, assim como os povos africanos o fazem orientados pelo ‘Sankofa’ (sâncrito sagrado africano) que é justamente essa caminhada guiada pelas experiências passadas” (Asaph Natan, estudante membro Nea Trilhas).

“Fazemos muito, mas comunicamos pouco. Isso sempre ficava em segundo, terceiro, quarto plano. Sempre tivemos dificuldade na comunicação, precisamos reforçar isso” (Marina Castro, Coordenadora Nea Trilhas).

“Esse processo de transição da Estação Experimental EBDA para a UEFS não teria tanto sucesso se não fosse com a ajuda de pessoas que contribuíram em todos os aspectos para que esse sonho se tornasse realidade... Mas, como nem tudo são flores, a luta não acabou na conquista do espaço, agora o desafio maior é gerir esse espaço com pouco recurso e com a presença inesperada de fantasmas querendo ser donos do espaço ou querendo especular alguma coisa que atrapalhe o andamento das atividades, mas, para estes, podemos dizer que seguimos firmes fazendo o que acreditamos, que é possível se construir um mundo melhor de maiores oportunidades, ampliando as relações, onde a horizontalidade do saber é possível e necessária, enfim, que os princípios da agroecologia nos permitam o bem viver” (Erivaldo Santiago, estudante, agricultor e membro Nea Trilhas).

Os relatos dos sujeitos revelam elementos e princípios que integram a agroecologia, tais como: resistência, resiliência, valores humanos e sociais, culturas e alimentação tradicional, cocriação, repartição de conhecimentos, sinergia, comunicação e reflexão crítica no sentido da construção de uma agricultura sustentável de base ecológica.

O cordel, escrito por Angela Coelho, conta a trajetória histórica do Nea Trilhas, sua saga e caminhos percorridos, além de sintetizar as lições aprendidas.

<p>“O Nea Trilhas e sua trajetória</p> <p>E começamos a escrever o projeto</p> <p>E não se espera quão grande seria envolvendo tanta gente com tanta sabedoria</p> <p>fazendo as comunidades entender</p> <p>Que a prosa ia começar</p> <p>prá gente trocar saberes</p> <p>E assim trabalhar.</p> <p>Mas eis que de repente</p> <p>Vem o senhor governador</p> <p>e desmonta a EBDA</p> <p>prá extensão acabar,</p> <p>então começa o corre corre</p>	<p>vamos a estação salvar</p> <p>prá tentar fazer o Nea Trilhas</p> <p>continuar,</p> <p>então dona Marina mobilizou</p> <p>estudantes, técnicos e até professor</p> <p>para a universidade ficar</p> <p>prá criar logo o centro</p> <p>e o Nea Trilhas avançar.</p> <p>Foi uma luta danada</p> <p>de resistência e resiliência</p> <p>para o reitor sensibilizar</p> <p>e assim o papel assinar</p> <p>surgiu então o centro de agroecologia</p> <p>onde pesquisa, ensino e extensão</p> <p>começou a se integrar,</p>	<p>agora o Nea Trilhas vem</p> <p>prá todos mostrar</p> <p>que a luta valeu a pena</p> <p>e no centro estamos a implantar</p> <p>muitos conhecimentos</p> <p>que precisamos praticar</p> <p>para produzir melhor</p> <p>e mudanças alcançar</p> <p>com muita troca de saber</p> <p>pois assim vamos ampliar</p> <p>fortalecendo nossa rede</p> <p>e outras trilhas explorar”</p> <p>Ângela Coelho, membro Nea Trilhas</p>
---	---	---

Considerações finais

A narrativa apresentada revela o sentimento vivido por aqueles que passaram pela experiência relacionada à implantação do Nea Trilhas e a conquista do espaço para as suas ações. Mas, para além da experiência vivida por cada um de nós, é um capítulo da história da ATER na Bahia. Ainda há muito que se observar e uma reflexão cautelosa deve ser feita sobre as mudanças, trajetórias, ganhos e perdas para a ATER Baiana com a extinção da EBDA, que representava a ATER oficial no Estado. O Nea Trilhas segue sua trajetória e procura contribuir com a formação crítica em agroecologia, a extensão rural dialógica e humanizada, bem como a pesquisa que incluem e dialoga com os saberes populares. Somos todos Mestres, Curiosos e Comunicadores!

Agradecimentos

Aqui agradecemos, prioritariamente, aos agricultores e agricultoras envolvidos por tornar o nosso sonho de fomentar uma agricultura de base ecológica possível, com justiça social, ambiental e valorização dos diversos saberes. Agradecemos, também, a todos e todas participantes do Nea Trilhas que já não estão mais nessa caminhada conosco, mas que a colaboração foi muito significativa para o surgimento e manutenção do Núcleo. Agradecemos às Prefeituras de Amélia Rodrigues e Conceição do Jacuípe, que tanto ajudam o CEARIS nas mais diversas dificuldades. Agradecemos a todas as instituições e movimentos sociais parceiros, que tornam nossa luta cada dia mais forte e vívida. Agradecemos muito e demais à Mara, nossa colaboradora para os assuntos de limpeza e alimentação, que cuida de todos nós com o carinho e o cuidado de uma mãe. Também não podemos deixar de agradecer ao Sr. Antônio e ao Sr. Milton, trabalhadores de campo do CEARIS e agricultores, que nos ajudam a manter as atividades de campo e nos ensinam muito na labuta com a terra. Agradecemos à RENDA e à ABA pelas incríveis oportunidades de formação e intercâmbio de experiências e saberes que nos foram dadas. Agradecemos à EBDA, seus técnicos e pesquisadores, que tornaram possível a criação do Núcleo e do CEARIS. Por fim, agradecemos à Universidade Estadual de Feira de Santana, em nome do seu Reitor Evandro do Nascimento Silva, agroecólogo como nós do Núcleo e grande defensor da permanência do Centro na UEFS.

Referências

- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO MDA. **Territórios da Cidadania**. 2008. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/3638408.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- DUBEUX, A. M.; MEDEIROS, A. J. de S. A construção de conhecimentos em agroecologia no Semiárido brasileiro: interculturalidade e diálogo. In: MEDEIROS, A. J. de S.; DUBEUX, A. M.; AGUIAR, M. V. de A. **Agroecologia na convivência com o semiárido: experiências vividas, sentidas e aprendidas**. Recife, Pe: Edição dos Organizadores, 2015. Cap. 1. p. 23-52.
- REVISTA PACTO. Salvador: Edição da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - Ebda, v. 1, n. 1, dez. 2012. Edição única. 46p.
- FALKEMBACH, E. M. F. Sistematização: Juntando cacos, construindo vitrais. In: FUMAGALLI, D.; SANTOS, J. M. P. dos; BASUALDO, M. E. **O que é sistematização: Uma pergunta diversas respostas**. São Paulo: Garage Digital., 2000. p. 14-27.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. 160 p.
- IMBERT, F. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano, 2003. 155 p.
- JARA, O. **Sistematización**. San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, 2004.